

## FORMAÇÃO HUMANA E FORMAÇÃO POLÍTICA À LUZ DO PENSAMENTO MARXISTA

Débora Thaís Rodrigues Nunes<sup>1</sup>  
Marcelo Gondim de Melo Júnior<sup>2</sup>  
Mônica Emanuela Maia Nunes<sup>3</sup>  
Sandra Maria Gadelha de Carvalho<sup>4</sup>

### RESUMO

A formação humana abrange diversos aspectos da vida social, como a influência familiar, experiência pessoal e tradições. Ao longo da história, a formação humana foi influenciada pelas diferentes estruturas sociais ou submetida a distintos projetos de dominação, sejam eles (com)formativos ou de viés emancipatório. Isto posto, surgiram diversas teorias que oferecem perspectivas múltiplas sobre educação e desenvolvimento humano, como o materialismo histórico dialético. Assim, que formação política e que formação humana é possível dentro da atual sociedade de classes? Por intermédio desse questionamento objetivamos discutir formação humana e formação política a partir do materialismo histórico dialético, a fim de questionar a formação unilateral promovida na sociedade de classe e pensar perspectivas omnilaterais. Como aporte metodológico optamos pela revisão bibliográfica de cunho qualitativo, dialogando com autores da área da Educação e da Filosofia da Educação. Dentro desse contexto, queremos elencar conhecimentos e práticas formativas que podem contribuir para enriquecer e esperar o horizonte educacional, como o reconhecimento do patrimônio material e intelectual/cultural acumulado, conscientização, autonomia e luta social.

**Palavras-chave:** Formação humana, formação política, educação, materialismo histórico dialético.

### INTRODUÇÃO

A educação está presente em todas as atividades humanas e faz parte do processo de construção dos homens e mulheres como seres sociais. É no conjunto das relações que de forma permanente, como seres inacabados que somos, nos fazemos e refazemos, formamos e reformamos, enquanto indivíduo e sociedade. Assim, o presente trabalho objetiva discutir sobre formação humana e formação política à luz das contribuições marxistas. Inicialmente pensaremos a a formação humana a partir de Tonet (2011) e Lessa

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Mestrado em Educação e Ensino MAIE da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [debora.nunes@aluno.uece.br](mailto:debora.nunes@aluno.uece.br)

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Mestrado em Educação e Ensino MAIE da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [marcelo.gondim@aluno.uece.br](mailto:marcelo.gondim@aluno.uece.br)

<sup>3</sup> Mestre em Educação pelo Mestrado em Educação e Ensino MAIE da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [monicaemanuelanm@gmail.com](mailto:monicaemanuelanm@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará, professora do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE [sandra.gadelha@uece.br](mailto:sandra.gadelha@uece.br)

(2001); posteriormente debateremos a formação humana lateral e omnilateral, dialogando com Sousa (2010); por fim, formação política, com Freire (2018) e Arroyo (2022).

De início é importante lembrarmos que para esta metodologia a realidade é considerada um elemento histórico em constante evolução, tangível e independente da percepção do sujeito. Isso não implica que os indivíduos não influenciem ou hajam sobre a realidade, mas sim que esta existe independentemente da vontade ou do pensamento pessoal. Em outras palavras, a realidade é externa à subjetividade individual, sendo regida por uma lógica própria que não pode ser meramente imposta pelo pensamento humano (TONET, 2011).

Entre o sujeito que busca compreender e o objeto de conhecimento, encontra-se a realidade. Para uma compreensão adequada, é necessário explorar os diversos elementos que a constituem. É importante ressaltar que o materialismo histórico dialético, enquanto método, não deve ser considerado em si mesmo como o único critério de verdade, como alertado por Lukács (LESSA, 2001). O critério de verdade reside na objetividade intrínseca do real, e não simplesmente na aplicação de um método específico.

Agora, avançaremos para a explanação do conceito de educação e formação humana. A educação é compreendida como a necessidade de adquirir conhecimentos, habilidades, comportamentos, valores, entre outros, que capacitam o indivíduo a participar conscientemente na vida social, mesmo que essa consciência seja limitada (TONET, 2011). Sobre formação humana Saviani (2007) explica:

[...] Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. (SAVIANI, 2007, p.154).

Isto posto, percebemos que educação e a formação humana são sinônimos, compreendidas como processos educativos que transformam o homem e o humanizam. Constatamos que educação e formação humana são conceitos interligados, sendo ambos entendidos como processos educativos que promovem a transformação e humanização do indivíduo.

A formação humana abrange diversos aspectos da vida social, como a influência familiar, valores, história pessoal, tradições, oportunidades e exclusões. Como apontado por Saviani (2007), a formação humana representa a própria construção do ser humano em sua totalidade, assim, tomaremos neste trabalho formação e educação como sinônimo. Esta formação ocorre na vida social e é gerada pelo trabalho, categoria que funda o ser

social. Como atividade criadora o trabalho funda ainda outros complexos sociais, como a linguagem a cultura.

Do trabalho viria a necessidade da educação/formação humana, pois para reproduzir nossa existência temos que aprender, vemos aí a necessidade da educação para mediar entre os homens o conhecimento adquirido. Visto que o trabalho é fundante do ser social, em cada tempo e lugar ele produzirá uma sociabilidade e uma forma de educação (TONET, 2011). Assim, a formação é também inerente ao ser do homem, por ter um vínculo ontológico com o trabalho.

## **METODOLOGIA**

Para a construção desse trabalho utilizamos a metodologia da revisão bibliográfica. Foram elencados autores de referência em formação humana e formação política, como Tonet (2011), Lessa (2001), Sousa (2010), Freire (2018) e Arroyo (2022). Posteriormente foi feita a leitura das obras selecionadas e a escrita do trabalho.

### **1. A (DE)FORMAÇÃO HUMANA NO CAPITAL**

A formação humana envolve toda a sociabilidade da família, os valores, história pessoal, costumes, oportunidades e exclusões, como já citado por Saviani, é assim, a própria produção do homem de forma ampla. A ideia de Saviani (2007) vai de encontro à de Brandão, que nos diz que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (BRANDÃO, 1981, p. 3).

As diversas formas de educação mencionadas por Brandão nos levam a reconhecer como ao longo da história a evolução da formação humana foi influenciada pelas diferentes estruturas sociais ou submetida a distintos projetos de dominação. Nas sociedades primitivas, a educação coincidia com a própria continuidade da vida, onde

[...] não havia distinção de classes. Tudo era realizado em conjunto. Na coesão da tribo, havia a apropriação coletiva da terra, estabelecendo-se a propriedade tribal na qual os indivíduos construía sua existência de forma compartilhada e eram educados por meio desse mesmo processo (SAVIANI, 2007, p. 154).

Com o progresso da produção e a consequente especialização das tarefas, houve uma transformação nas comunidades primitivas, levando à emergência de estratificações

sociais e ao desenvolvimento do sistema educacional. As práticas educativas, especialmente com a instituição das escolas, tomaram rumos diferentes dos que estavam inicialmente ligados diretamente aos processos produtivos.

A institucionalização da educação nas escolas ocorreu como um ambiente reservado para os filhos dos proprietários dos meios de produção. Segundo Saviani (2007), a classe "que desfruta de ócio, lazer e tempo livre passa a se organizar no formato escolar, contrastando com a educação da maioria, ainda vinculada ao processo de trabalho." (SAVIANI, 2007, p. 156). Essa dinâmica estabeleceu a escola como o padrão aceito socialmente para educação e formação, predominantemente acessível às elites, delineando uma clara separação entre os espaços de trabalho e de educação.

Com a ascensão do modo de produção capitalista, houve uma modificação nessa dinâmica. Na Revolução Industrial os principais países estabeleceram sistemas nacionais de ensino, ampliando e oficializando a escola primária (SAVIANI, 2007), contudo, emergiu uma nova forma de segregação na formação destinada às distintas classes sociais: o modelo de escola dualista, caracterizado por "escolas profissionais para os trabalhadores e 'escolas de ciências e humanidades' para os futuros líderes" (SAVIANI, 2007, p.159). Nessa estrutura, a formação proporcionada era primordialmente voltada para a preparação técnica no processo produtivo, distanciada de uma abordagem humanizadora.

A educação humana que se estabeleceu após a Revolução Industrial foi moldada a partir da perspectiva de classe do capitalismo. Essas dinâmicas de classe solidificaram a divisão entre trabalho manual e intelectual, favorecendo este último. Houve uma separação e hierarquização entre corpo e mente, espírito e matéria, objetividade e subjetividade; aqueles que executam o trabalho manual são vistos como meros executores, enquanto o intelecto é reservado para aqueles que têm acesso à educação formal. No entanto, essa fragmentação negligencia a compreensão integral do ser humano. Tonet (2006), apoiado em Marx, explica:

Marx constata que esse ser não se define pela espiritualidade, mas pela práxis. Ora, esta última é exatamente uma síntese de espírito e matéria, de objetividade e subjetividade, de interioridade e de exterioridade. Na realidade ele mostra que entre interioridade e exterioridade não há uma relação de exclusão, nem de soma, mas uma relação de determinação recíproca. Desta determinação recíproca é que resulta a realidade social. (TONET, 2006, p.2)

Observa-se que a conexão entre objetividade e subjetividade é inegável na prática diária. No entanto, há uma intencional fragmentação na percepção dos seres humanos, refletindo-se também em suas formações. Isso resulta em uma educação unilateral que permeia toda a estrutura social, afetando tanto os que oprimem quanto os oprimidos

(TONET, 2006). Para as camadas populares, a educação fornecida pela escola busca primordialmente prepará-las para o mercado de trabalho, uma vez que o sistema educacional está submetido à lógica de reprodução do capital.

Conforme expresso por Tonet (2011), considerando que o capital é a raiz da desigualdade social, seria irrealista esperar que ele pudesse garantir igualdade de oportunidades para todos, tendo em vista ainda que a educação é também “o processo mediante o qual as classes dominantes preparam na mentalidade e na conduta das crianças as condições fundamentais da sua própria existência” (PONCE, 2010, p. 169).

Na contemporaneidade, o ser humano é tratado como mais uma commodity a ser aprimorada para melhor rendimento, resultando em sua desumanização e limitação de potencial. Nesse contexto, a formação educacional é direcionada primordialmente para servir aos interesses de acumulação de uma reduzida parcela da sociedade.

### **1.1 Corpo e mente: (re)formação multilateral**

Apesar do exposto anteriormente, dentro do contexto capitalista, surgiram diversas teorias que oferecem diferentes perspectivas sobre educação, sociedade e desenvolvimento humano, como o materialismo histórico dialético. A realidade é intrinsecamente contraditória, pois a vida é constantemente dinâmica. Como Araújo (2003) destaca, "A contradição é uma característica inerente à realidade, uma dimensão concreta de sua totalidade. Nessa ótica, é impossível conceber o real sem seu contínuo movimento em direção à construção do novo, à autoconstrução e à superação." (ARAÚJO, 2003, p. 3).

Simultaneamente ao estabelecimento de relações alienadas ou estranhadas, o ser humano também inaugura as bases para uma práxis revolucionária. Marx propõe a necessidade de uma formação para os agentes que mais sofrem com o capitalismo, os proletários, objetivando uma profunda transformação do homem, das relações e da sociedade (SOUSA, 2010). Os processos educativos seriam pensados, planejados e definidos pela humanidade “segundo suas necessidades e anseios de liberdade, uma sociabilidade nova sob o controle da coletividade livre” (SOUSA, 2010, p. 26).

A formação de que falamos se chama omnilateral, ou seja, uma formação por todos os lados, em todas as dimensões, assim, não se restringiria à escola e não poderia partir apenas dela, visto não ser capaz de oferecer oposição radical à estrutura na qual infelizmente contribui para a dominação (SOUSA, 2010).

O pontapé para esta nova formação humana seria a revolução: “Uma nova consciência só será possível se houver uma transformação do homem, e esse homem transformado a partir do qual pode surgir a nova consciência, apenas através de um movimento prático revolucionário é que poderá emergir historicamente” (SOUSA, 2010, p. 31). Assim, apenas uma revolução traria as circunstâncias necessárias para uma transformação do homem, agindo na práxis, ou seja, o próprio processo revolucionário seria educativo.

No capitalismo, o ato de educar passa de uma ação essencial da condição humana, para um ato mercadológico. Fomos historicamente (con)formados para viver e pensar de uma determinada maneira, a partir de um ponto de vista pré-fabricado, que não nos impulsiona em nossas potencialidades, mas que nos habilita a exercer determinadas funções. Além disso, os sistemas jurídico, político, de valores, ideias, moral e costumes dominantes, por também estarem dentro de uma lógica capitalista, também precisariam ser (re)formados para superar a unilateralidade burguesa posta como uma sociabilidade natural.

Temos aqui exposto, dois projetos de formação em disputa. Para o materialismo histórico e dialético apenas por meio de uma revolução poderíamos almejar uma formação omnilateral e emancipadora, enquanto isso, estaríamos sujeitos à mesma formação lateralizante? Enquanto não chega a revolução, estaríamos de “mãos atadas”? longe de uma visão utópica, é possível agir na realidade mais imediata em prol de nossa humanização.

No que concerne ao exposto, Sousa (2010) admite a necessidade uma formação política ou educação política, defendendo que quanto maior for essa formação, mais profunda seria a consciência sobre nossa situação, nossa força social e nossa tarefa histórica. Falaremos agora das possibilidades de formação política dentro da sociedade de classes atual.

## **2. QUE FORMAÇÃO POLÍTICA É POSSÍVEL DENTRO DA SOCIEDADE DE CLASSES?**

As consciências dissidentes da unilateralidade que foram possíveis até agora, vieram das possibilidades concretas existentes, das vivências dos sujeitos em seu tempo histórico. É comum vermos alguém receber o título de “à frente do seu tempo” por pensar

em algo ou fazer algo que ninguém havia pensado, no entanto, estamos todos imersos em uma sociabilidade histórica e agimos com o que temos de acordo com o que é possível.

Nesse sentido, a práxis, categoria cara ao materialismo, é tão importante, por ser o pensamento e ação juntos para uma transformação. Para Bottmore (2012) a práxis é “[...] a atividade livre, universal, criativa e auto criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico e a si mesmo” (BOTTMORE, 2012, p. 430). Já Sousa, articulando práxis e educação, afirma que:

a categoria da práxis representa a construção político-pedagógica dos trabalhadores, especialmente as atividades de autoformação desenvolvidas nos partidos, sindicatos e locais de moradias, que se constituem numa dimensão fundamental dentro da compreensão marxiana de educação (SOUSA, 2010, p. 71).

A práxis é assim, uma categoria abrangente de autoformação, como possibilidades de movimento e ação em prol da mudança dentro da realidade histórica e de suas contradições, por onde se pode pensar e agir, dentro da realidade, como ninguém havia feito antes, de forma dissidente, formando consciências dissidentes.

Apesar da questão entre os marxistas sobre qual categoria seria a central como princípio educativo, práxis ou trabalho, é importante lembrarmos que a supervalorização de uma categoria em detrimento de outra apenas empobrece o debate, como avisa Sousa (2010). Aqui pensaremos práticas de formação política por meio da práxis, pois ela contempla outros campos de atividade para além do trabalho, visto que, como reconhecemos no início a formação se dá nos diversos aspectos da vida social, no trabalho, mas não apenas nele.

Segundo Sousa (2010), Marx propôs um conteúdo universal voltado para a formação política dos trabalhadores, uma educação autônoma, paralela à educação formal. Apesar de tal processo exigir conhecimentos históricos, políticos e econômicos sistematizados, outro entrave mais urgente surge no horizonte, a crescente criminalização e desmoralização de qualquer formação à esquerda do espectro político ser tida como ideológica nas escolas.

Não obstante a esta problemática, trataremos agora de alguns pontos pertinentes à formação política que podem ser trabalhados nos diferentes espaços que acessamos como educadores. Tonet (2014) afirma a necessidade de nos apropriarmos

do patrimônio – material e intelectual/cultural - acumulado, em cada momento, pela humanidade contribuindo, ao mesmo tempo, para a construção deste mesmo patrimônio. A forma e a medida em que este processo de apropriação/efetivação se der nos permitirá aferir o estágio concreto em que se encontra o ser social. (TONET, 2014, p. 13)



Vemos que ao reconhecer o que foi construído historicamente, podemos nos conectar com a nossa realidade, ou seja, entendermos como chegamos até aqui como humanidade em uma sociedade de classes, entendermos como estamos inseridos na sociedade e as mudanças que ocorreram ao longo do tempo histórico, assim, é possível ver a si mesmo como sujeito histórico agente de mudanças.

Outro elemento fundamental é a luta social. O engajamento por mudanças e melhorias em prol de sua categoria, por exemplo estudantes, proporciona o desenvolvimento da consciência fora da sala de aula. Para Sousa (2014) a consciência pode se forjar de maneira muito mais rápida e clara na luta política. Assim, seja em um ambiente escolar ou fora dele, engajar os sujeitos a lutar politicamente por seus direitos é imprescindível para a tomada de consciência, se constituindo como um processo de formação política frente aos problemas da realidade imediata.

O conhecimento também é levado em consideração para uma formação política humanizante. Os conhecimentos dos momentos de ruptura têm papel imprescindível, pois “A classe trabalhadora tem necessidade de um conhecimento de caráter revolucionário, isto é, de um conhecimento que lhe permita compreender o conjunto do processo histórico de tal modo que ela se veja como sujeito capaz de transformar radicalmente o mundo.” (SOUSA, 2014, p. 15). Aqui poderíamos citar as revoluções, sublevações populares, motins e demais formas de mobilização social que rompem o status quo, pois ao enxergar no passado esses pontos de ruptura, podemos pensar e construir rupturas no presente.

No entanto, isso não quer dizer politizar todos os conteúdos, mas sim que

Um conhecimento de caráter revolucionário, nestas áreas, implicará a compreensão de qualquer objeto de estudo como resultado de um processo histórico e social. Implicará, sempre, compreender a origem, a natureza e a função social de qualquer fenômeno estudado (TONET, 2014, p.16).

Vemos em todos esses pontos a redundância de enxergar a realidade em processo, em vir a ser, como algo inacabado e no homem também como sujeito inacabado ou “que se constrói nas relações sociais” (SOUSA, 2010, p.21), podendo mudar a si mesmo e ao mundo. Vemos ainda o papel da conscientização nesse processo. Este é um novo desafio de nosso tempo, enxergar a possibilidade de mudança do homem e das estruturas à naturalização do capitalismo como o único sistema possível.

Percebe-se que mesmo dentro do sistema é possível desenvolver práticas formativas emancipatórias nos diferentes espaços que acessamos. Neste ponto, os teóricos marxistas já não nos parecem suficientes para iluminar as reflexões sobre formação política, então, faremos agora uma breve revisão sobre formação política a partir da



pedagogia crítica de Paulo Freire e Miguel Arroyo, que nos chamam a refletir sobre a questão política da formação.

## 2.1 Formação política na pedagogia crítica

Como afirma Freire (1984) a educação é em si mesma um ato político. A relação entre educador e educando é perpassada pelas escolhas/opções políticas, conscientes ou não, que atravessam a prática educativa. Em sua obra *Pedagogia do oprimido* (2021) Freire opta politicamente por uma educação para os oprimidos ou esfarrapados do mundo, pois só eles, que mais sentem os efeitos da opressão podem se libertar e libertar a todos. Para tal é necessária uma inserção crítica na realidade para transformá-la.

Aqui, vemos os primeiros pontos de orientação política na obra do autor, a opção pelos oprimidos e a perspectiva de formação para a transformação e libertação. Podemos relacionar as ideias do autor com a perspectiva de práxis já exposta anteriormente. A práxis pode estar presente nas atividades educativas como base epistêmica onde se pensa e age sobre o mundo para transformá-lo.

Um conceito caro à Freire que perpassa a questão política é o de conscientização. Ao se perceber em uma realidade de opressão e tomar consciência de seu estado, é possível que os homens e mulheres construam uma consciência crítica. O educador afirma:

“A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. [...] Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. (FREIRE, 2018, p. 26 e 90).

A partir da conscientização é possível que se inicie uma práxis para reverter a lógica opressor/oprimido, em busca de autonomia e de se reconhecer como também responsável pela história. Mais uma vez a práxis aparece como orientadora da formação. Percebemos, portanto, que para Freire educação e política são inseparáveis, assim, almejar uma educação neutra seria se abster da realidade e negar a dimensão política que perpassa os processos de ensino.

Um outro ponto a ser considerado quando se pensa em formação política por meio de Freire é a autonomia. Para o autor a autonomia é indispensável para a formação, pois os processos educativos não devem ser postos “de fora para dentro” de forma passiva,

mas sim, é preciso resguardar a autonomia e liderança de todos os inseridos no processo, para que estejam engajados ativamente.

Arroyo (2022) também nos inspira a pensar uma educação política à partir dos diferentes sujeitos que integram os processos de formação, pois “[...] a teoria pedagógica se revitaliza sempre que se encontra com os sujeitos da própria ação educativa” (ARROYO, 2022, p 28). Pensar as particularidades dos agentes da ação educativa nos posiciona no campo político e nos permite ampliar o horizonte ao enxergarmos outras perspectivas.

O autor também nos informa que os diferentes sujeitos e grupos sociais, por estarem em constante ação política e por terem tomado consciência política, se organizam em movimentos de emancipação e libertação. As outras pedagogias criadas e recriadas por esses sujeitos e coletivos sociais de mulheres, indígenas, trabalhadores e quilombolas, podem ser um caminho para repensar a formação institucionalizada. Estes sujeitos com sua ação política e visão de mundo nos mostram que a resistência política é também resistência epistemológica e abrem espaço para “as formações sociais, políticas de resistência, de construção de outra cidade, outro campo, outros saberes e identidades” (ARROYO, 2022, p. 28). Assim, as próprias bases de fabricação, legitimação e divulgação dos conhecimentos podem ser questionadas ou repensadas ao dialogar com grupos que historicamente foram marginalizados e tiveram seus saberes negados.

Com os autores citados percebemos que é possível superar a educação abstraída da realidade e pretensamente neutra. Para isso precisamos assumir nossa posição política no mundo, por meio da ação política, conscientização, diálogo, conhecimentos revolucionários e novas perspectivas pedagógicas que repensam a lógica posta de formação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho foram expostas duas perspectivas de formação humana, sendo a primeira uma formação desumanizante e unilateral que está a serviço do capital e sua reprodução; já a segunda, uma formação omnilateral, humanizante e que traria à tona as potencialidades humanas de forma humanizada, possível por meio de uma revolução. Enquanto não chega a esperada revolução, é imprescindível que tenhamos ações pensadas para a humanização possível nesse momento histórico, tendo como horizonte onde nos espelharmos, as orientações marxistas de omnilateralidade.

Dessa forma, vemos a formação política como possibilidade de ação ou de “desatar as mãos”. Foi possível perceber a importância de conhecer o patrimônio cultural produzido e acumulado historicamente; a luta política como formação política de atuação na realidade imediata; conhecimentos de caráter revolucionário que rompem com *o status quo* e nos servem como referências de ruptura para o presente. A pedagogia crítica de Paulo Freire também se mostra importante por tratar da conscientização, libertação e luta política. Além disso, tem na práxis a base de formação dos sujeitos.

Neste trabalho foi possível perceber ainda que apesar das estruturas de dominação que atravessam a formação na sociedade de classes atual, é possível atuar nas contradições, por meio de uma formação que tenha como horizonte epistemológico a emancipação dos homens e mulheres. Para tal é de suma importância se apropriar do conhecimento historicamente produzido, mesmo que o conhecimento seja provisório, pois a realidade está em movimento, há também continuidades, por onde podemos compreender como chegamos até aqui como sociedade. Por meio desse conhecimento podemos atuar e transformar a realidade como seres políticos e históricos que somos.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, L. C. A questão do método em Marx e Lukács: o desafio da reprodução ideal de um processo real. Trabalho, sociabilidade e educação: uma crítica à ordem do capital. Fortaleza: **Editora UFC**, p. 259-275, 2003.

ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Editora Vozes Limitada, 2021.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista** / T. B. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BRANDÃO, C. R. *et al.* **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, P. Conscientização – **Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, Editora Moraes, 4a ed, 2018.

FREIRE, P. Quatro cartas aos animadores de círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe. In: Carlos Rodrigues Brandão (org). **A questão política da educação popular**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LESSA, S. **O Método**. Fortaleza: UFC, Mímeo, 2001.

PONCE, A. **Educação e luta de classes**. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. 2010.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista brasileira de educação**, v. 12, n. 34, p. 152-165, 2007.

SOUSA, J. **Marx e a crítica da educação: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do capital**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

TONET, I. Atividades educativas emancipadoras. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 9–23, 2014.

TONET, I. Educação e ontologia marxiana. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 11, n. 41e, p. 135-145, 2011.

TONET, I. Educação e formação humana. **Ideação**, v. 8, n. 9, p. 09-21, 2006.